

Apresentação

Alexandre Sá

Em 2018 fui convidado para fazer parte da organização do colóquio franco-brasileiro *A censura à prova do tempo* na Casa Rui Barbosa. Inicialmente, o convite era para organizar uma mesa sobre arte e censura. Especificamente sobre Artes Visuais. Achei que era fundamental que tentássemos discutir com alguma potência dois eventos cruciais que aconteceram e que provavelmente conseguiram, de maneira no mínimo esquisita, resumir o nevoeiro intelectual que estávamos atravessando: o fechamento da exposição Queermuseu e as manifestações injustificáveis à performance La Bête de Wagner Schwartz dentro do Panorama de Arte Brasileira no Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Por diversas razões que talvez estejam em vias de serem esclarecidas ao longo de 2019 e 2020, sempre achei que toda aquela comoção diante de um trabalho ou de uma situação de arte se deu e sempre se dá por razões outras, muito distantes da experiência estética e do universo semântico, conceitual, histórico e eventualmente hermético da arte contemporânea. Talvez aliado a isso, tenhamos acreditado muito fortemente em uma possibilidade de abertura democrática que confiou na absoluta autossuficiência das condições sociais e econômicas, eventualmente desconsiderando a necessidade de fortalecimento intelectual, de investimento na formação de público e do sistema educacional/cultural.

Ao longo das reuniões preparatórias do colóquio, a UERJ estava inundada em uma crise gravíssima, que além de não ter tido condições de manter seus serviços básicos, em virtude de um descompromisso inaceitável do Governo do Estado, chegou a atrasar os salários de docentes e técnicos, bem como as bolsas dos estudantes por mais de três meses, gerando um aumento dos casos de depressão, exoneração dos cargos, abandono dos cursos de graduação e inclusive, em casos mais extremos, de suicídio.

Apesar disso, precisávamos resistir. Não unicamente por algum desejo absoluto de contestação política e de algum tipo de prova de sobrevivência e continuidade, mas pela absoluta necessidade de manter algum ritmo, mesmo impossível, de trabalho e atendimento ao público. E assim o fizemos. Mergulhados em uma atmosfera de desamparo e de pouca preocupação pública. Impossível esquecer que não foram raros os casos de pessoas que perguntavam, ao saber que trabalhava na UERJ, se ela já havia fechado ou não.

A conjunção era triste. Como ainda continua a ser. Talvez não mais na universidade, mas no país como um todo e em algumas partes do mundo. É evidente que não estou me referindo a separação política entre direita e esquerda, ou aos casos recorrentes de corrupção no cenário brasileiro. Me refiro especificamente ao projeto longo e vitorioso de fragilização da universidade pública que, em seu subsolo, preconiza, de maneira pop, uma pasteurização do conhecimento, do diálogo e aposta na ignorância generalizada que desconsidera completamente a possibilidade de sucesso através do conhecimento e da formação crítica.

Por razões óbvias, achei importante abrir esse espaço na revista para que pudéssemos publicar um dossiê sobre esse evento. A aproximação parecia pertinente e absolutamente curiosa. Publicaríamos a reunião de textos de um colóquio que tinha como um dos objetivos revisitar as experiências e o legado de maio de 1968, bem como refletir sobre o que ainda resta da censura nos dias de hoje em uma revista acadêmica que faz parte de uma universidade que, em sentido completamente oposto, estava sendo sucateada pelo governo e inclusive, pela opinião pública.

Não se tratava agora de uma reinvenção de valores, mas de um processo profícuo de esvaziamento dos valores sustentado por diversos elementos que tinham por objetivo, antes e acima de qualquer coisa, manter, no caso do Brasil, um legado

histórico de separação social e econômica, priorizando a manutenção de uma elite e de seus interesses particulares.

Terminado o colóquio, convidamos então todos os participantes a enviarem seus textos. Obviamente, nem todos tiveram tempo, desejo ou vontade. Então, o que se segue é uma compilação parcial e inevitavelmente fragmentada de parte dos debates que aconteceram. Por último, é fundamental destacar que esse trabalho hercúleo de reunião dos textos, tradução e transcrição só foi possível com a parceria luxuosa com o Consulado da França no Rio de Janeiro e com o trabalho dos estagiários e editores envolvidos na publicação.

Alexandre Sá